

Empréstimo e estrangeirismo, uma questão lingüística e/ou de soberania?

Luiz Euclides da Silva Neves ¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a questão do estrangeirismo e do empréstimo lingüísticos como um fato recorrente na língua e a relação que estes fatos têm com o domínio cultural exercido por países de línguas exportadoras.

Entre algumas das ciências que conhecemos, a literatura que delas trata tem nos levado a inferir que grande parte nasceu a partir da inquietação do homem acerca de algum tema, algum assunto. Esses homens podem ser chamados de pai dessas ciências. Foi assim com Freud, que é considerado o pai da Psicanálise, com Pirce, que é considerado o pai da Semiótica e com Taylor, que é considerado o pai da Administração, entre outros. Com a lingüística não foi diferente. O suíço Ferdinand de Saussure pode ser considerado o pai da lingüística moderna. Ele pautou seus estudos em dicotomias, divisões em duas partes ou bipartição. Uma das principais dicotomias é a da *langue* (língua) e *parole* (fala).

Langue (língua) e *parole* (fala) formam juntas a linguagem, que, para Saussure (2002, p.16), “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber uma sem a outra”. Já para Dubois (2000, p. 387), “Linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua)”. Por fim, Câmara Jr. (1998, p. 159) acredita que linguagem é:

A faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua, que os organiza numa representação compreensiva em face do mundo subjetivo interior, pela atividade da linguagem ou fala.

¹ Aluno do 4º Ano do Curso de Letras e Monitor da Disciplina Lingüística em 2002 e 2003 .

Mas o que é língua então? Língua é a face social da linguagem, o lado coletivo, que está depositado na mente do falante ouvinte, conforme, Saussure (2002, p. 21), o mestre suíço, nos afirma:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática de fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Já para Dubois (2000, p. 178), “Língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade”.

A língua é, portanto, “propriedade” de uma comunidade lingüística. Ocorre que as várias línguas existentes no mundo não estão estáticas, nem isoladas, estão, na verdade, em permanente ebulição, em constante contato. Vários fatores contribuem para essas relações entre as línguas. Entre eles, podemos citar a queda das fronteiras comerciais entre países e o avanço dos meios de comunicação, que são apenas dois exemplos do quanto as línguas do mundo podem estar em contato. Mas só o conceito de língua parece não ser o suficiente para contribuir com a discussão que ora propomos.

Faz-se necessário recuperar, então, o conceito de idioma, que nos parece ser o termo mais adequado para o estudo de empréstimo e estrangeirismo. Valendo-nos de Câmara Jr. (1998, p. 142), idioma é:

O termo com que se insiste na unidade lingüística inconfundível, de uma nação em face das demais. Enquanto o conceito de língua é relativo e se aplica a uma língua comum, a um dialeto, a um indioleto, só se refere à língua nacional, propriamente dita, e pressupõe a existência de um estado político, do qual seja a expressão lingüística; o mirandês, por exemplo, é uma língua, mas não um idioma.

O contato entre os vários idiomas do mundo tem provocado o surgimento de dois fenômenos lingüísticos, o estrangeirismo e o empréstimo. No senso comum, emprestar é confiar algo a alguém por algum tempo, com promessa de restituição. Esses fenômenos têm merecido, dos lingüistas atuais, um certo espaço, entre as muitas questões lingüísticas em debate. Até o deputado federal

Aldo Rabelo, do PC do B de São Paulo, resolveu palpitar, sem nenhuma consistência acadêmica, é verdade, mas foi o autor de uma proposta, que queria ver transformada em Lei, que poria fim nos estrangeirismos e nos empréstimos, o que o deputado não sabia é que problemas lingüísticos não se resolvem com leis .

A propósito, o que é empréstimo e estrangeirismo? Primeiramente, empréstimo lingüístico é para Dubois (2000, p. 209):

Quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo. O empréstimo é o fenômeno sócio-lingüístico mais importante entre todos os contatos de línguas.

Já para Câmara Jr. (1998 p. 104,105):

Empréstimo é a ação de traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional. O condicionamento social para os empréstimos é o contacto entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contigüidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural em sentido *lato*. A coincidência ou contigüidade geográfica determina os empréstimos íntimos e a língua a que é feito o empréstimo constitui um substrato, um superstrato ou um adstrato. Os empréstimos à distância são culturais.

Podemos perceber, portanto, que o empréstimo lingüístico se configura quando emprestamos uma palavra ou um traço lingüístico de uma outra língua. Esse traço ou palavra, obviamente, não existia anteriormente na nossa língua.

Já por outro lado, os estrangeirismos são, segundo Câmara Jr. (1998 p. 111):

Os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Na língua portuguesa os estrangeirismos mais freqüentes são hoje galicismos e anglicismos. O vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento.

Mas que motivos levam uma língua a emprestar palavras ou estrutura(s) de outra(s)? O motivo mais comum é a ausência de um termo ou expressão em uma

língua, que se vê obrigada a fazer um empréstimo de uma outra língua. É o que ocorre com a palavra *iceberg*. Não temos uma palavra no português que nomeie o referido fenômeno e assim possa substituir este termo. Neste caso, *iceberg* é um *estrangueirismo*, já que não sofreu nenhum tipo de adaptação, seja fonética ou fonológica, ao português falado no Brasil.

O surgimento de algo novo é outro motivo para a adoção de um empréstimo. A palavra *stress* entrou recentemente em nossa língua para denominar uma doença dos tempos modernos. Como o termo *stress* é muito produtivo, acabou sofrendo adaptações ao português e hoje já é grafado estresse, além disso, já formamos palavras derivadas a partir da primitiva estresse, é o caso de estressado, estressante e desestressante.

No caso de *stress*>estresse estamos diante de um *empréstimo lingüístico*, já que o termo sofreu adaptações ao português, ou seja, foi-lhe acrescentado o grafema (letra) **-e** no início e no fim do vocábulo, já que não existem, no sistema escrito do português, palavras começando com o grafema **-s**, não seguido de grafemas que representem os fonemas vocálicos e nem palavras terminadas em **-ss**.

Que os empréstimos lingüísticos aconteceram, acontecem e sempre acontecerão é um fato. Não podemos levantar, muitas vezes de forma irresponsável, a bandeira do nacionalismo ou do xenofobismo. É claro e certo que não existem línguas puras que não se permitam tomar emprestado e emprestar termos, expressões e até estruturas fonológicas, morfológicas, sintáticas e por que não semânticas.

Todavia, não podemos deixar de ter em mente que uma língua, ao fazer empréstimos de outra língua, não importa somente o significante (uma parte do signo lingüístico), às vezes, no pacote, de brinde, vem junto toda sua gama de significado e como este, segundo as modernas teorias Semânticas, é cultural, o vocábulo carrega consigo parte da cultura na qual está inserido. A menos que o faça adaptando o vocábulo importado à estrutura da língua importadora.

Mesmo assim, tal adaptação não garante tampouco a não influência cultural. Neste momento, não podemos deixar de mencionar a “criatividade” dos

falantes brasileiros, que transformaram, por exemplo, o *cheese*, queijo em inglês, em apenas **-X**, em português. Notem como a “sonoridade” dos dois termos é quase semelhante, ou melhor, assim soou aos ouvidos daqueles. No entanto, não deixamos de importar, junto com o termo, a *geração sanduíche*, cuja base da alimentação quase diária são os *búrgueres*, batata frita e coca-cola.

Ou ainda uma das explicações para a origem do termo forró. Contam que quando da construção das estradas de ferro no nordeste brasileiro, os ingleses organizavam festas *for all*, ou seja, para todos. Nestas festas, poderiam ir tanto os engenheiros como os operários. Os brasileiros transformaram então o *for all* em forró.

Mais que o uso de um termo estrangeiro, seja na sua forma original, seja adaptado, o importante é que a língua de um povo, ou melhor, o seu idioma, é um elemento de soberania, já que para Carvalho (1989, p. 26) “A língua é o testemunho e a prova insofismável do domínio cultural. Ela denuncia influências e correntes ideológicas mais que se possa imaginar”.

Bibliografia consultada:

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro, Padrão, 1989.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1989.

DUBOIS, Jean et all. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 2002.